

RESENHA 1

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 44^a edição. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Márcio A. F. Vilela¹

O escritor Graciliano Ramos passou os primeiros anos em diversas cidades do Nordeste do Brasil. Após terminar o segundo grau em Maceió, muda-se para o Rio de Janeiro, trabalhando como jornalista. De volta ao Nordeste em setembro de 1915, mora com o pai, que era comerciante em Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas. Casa-se neste mesmo ano com Maria Augusta de Barros, que morreu em 1920, deixando-lhe quatro filhos. Casa-se novamente em 1928 com Heloísa Leite de Medeiros, com quem também tem quatro filhos.

Em 1927 é eleito prefeito de Palmeira dos Índios, tomando posse no ano seguinte. Ficou no cargo durante dois anos, quando renuncia em 10 de abril de 1930. Entre 1930 e 1936 viveu em Maceió, trabalha na Imprensa Oficial e é diretor da Instrução Pública do estado. Publica em 1934 *São Bernardo*, e quando organiza a publicação do próximo livro, foi preso. Sua prisão ocorre após a Intentona Comunista de 1935. Passando a maior parte do tempo preso em cárceres no estado do Rio de Janeiro.

Em janeiro de 1937 é libertado. As inúmeras experiências vivenciadas durante a sua permanência no cárcere, ficariam gravadas em uma obra publicada postumamente, intitulada *Memórias do Cárcere* (1953). Ali o autor relata os constantes desmandos, violências e privações que eram submetidos os encarcerados durante a ditadura no governo de Getúlio Vargas.

Após sua saída da prisão publica várias obras. Em 1938 publicou *Vidas Secas*; em 1945, publicou *Infância*, uma espécie de relato autobiográfico; e em 1954, escreveu e publicou *Viagem*, retratando as suas viagens a países da Europa.

Já em 1952, encontra-se gravemente doente, sendo internado no início de 1953, falecendo em 20 de março de 1953, aos 60 anos, vítima de câncer nos pulmões.

Mémória do Cárcere é uma narrativa das experiências e vivências do escritor durante os anos em que esteve preso. Memórias de um período da história do Brasil. Aspectos importante dessa história como o comunismo, integralismo, o governo Vargas,

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco / PPGH-UFPE. Bolsista FACEPE.

a imprensa e a própria relação do Brasil com a Alemanha nazista estão presentes. Ali podemos compreender, também, a vida e o cotidiano no interior das prisões.

Entre tantos pormenores, detalhes narrados em frases curtas e diretas, o autor em vários momentos tem a preocupação de mostrar como no cárcere, as coisas adquiriam um outro significado, um outro valor. Nesse sentido afirma, “*na atrapalhão da partida, esquecera-me de um aviso importante. De fato não havia importância, mas ali, ausentando-me do mundo, começava a dar às coisas valores novos*”². Esses novos significados pouco a pouco iam tomando corpo, na medida que o mesmo aprendia ou internalizava o novo ambiente. Era preciso reaprender a falar nesse novo lugar. Procura articular uma outra fala. O escritor precisou aprender decifrar outros sinais. O mesmo sugere que é preciso viver a prisão, o que em grande medida suavizava o espírito.

Os próprios sons produzidos no cárcere aos poucos é que vão incorporando significados para o autor. Era preciso aprender a se comportar diante de um general. Nesse novo ambiente, faltava-lhe inicialmente, o conhecimento de sinais que pudessem informar as horas. O tempo do cárcere, se apresentava de uma outra maneira. Um tempo novo. Muito embora, essa aprendizagem em Graciliano Ramos se apresente como algo complexo, tendo em vista, a enorme dificuldade de se inserir e viver a prisão. Pois viver a prisão significa elaborar uma outra memória. Essa reelaboração é para o autor algo que se apresenta de maneira complexa.

Logo no primeiro capítulo da primeira parte de *Memória do Cárcere*, o escritor lança uma série de questões que envolve o estudo e a compreensão da memória. Começa afirmando que “*depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa*”³.

Ainda pensando na narrativa e na memória que iria projetar dos seus personagens, lança a seguinte indagação: “*que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras constestáveis e obliteradas?*”⁴. Ora, nesses fragmentos podemos apontar algumas dificuldades vivenciadas pelo escritor para narrar tais memórias. Ou seja. O que deveria ser narrado? Temos assim, os constantes conflitos com que se apresentam as memórias a serem narradas. Redigir a memória para

² RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. 44a edição. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 38

³ Idem, p. 11

⁴ Idem

o autor é um trabalho de elaboração, constantes mudanças, onde narrar e esquecer são faces de um mesmo lado. Uma outra preocupação se faz presente, pois narrar essas memórias, significa para o autor, congelar significados, nomear, desenhar ou dar forma a um quadro.

Em outro momento esclarece que *“um sentido recusou a percepção de outro, substituiu-a. Onde estará o erro?... Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão da realidade”*⁵. Nesse sentido, o escritor reafirma que a memória forma quadros diversos sobre a realidade. Não há memórias falsas ou verdadeiras. Existe, portanto, memórias. Diferentes memórias, provenientes de diversas experiências.

Acrescenta que é possível ocorrer falhas/incongruências. Daí a necessidade de se estabelecer um diálogo com outras memórias. Afirma que *“nessas vacilações dolorosas, às vezes necessitamos confirmações, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão”*⁶. Muito embora, não há como saber a real causa dessas incongruências da memória. Reafirma que fez o possível para compreender como alguns personagens reagiram em determinadas circunstâncias. Ou seja, remete a incapacidade do autor narrar essas memórias e compreender seus personagens em forma de quadros fechados. Pois sua memória, sobre esses personagens, está carregada de impressões, com toda uma carga emocional. Essas memórias são suas experiências, conflitos e sonhos presente num diálogo entre passado/presente.

Podemos reforçar, que as memórias que o autor narra, estão intimamente ligadas a sua aprendizagem, a sua experiência no cárcere. Ao observar o seu companheiro de cela, o capitão Mata, afirma que: *“enquanto me ocupava numa única miudeza, ele apreendia muitas, relacionava-as e alcançava rápido o conjunto”*⁷. Em outro instante, lembra o escritor o seguinte diálogo com o mesmo capitão.

“- O comandante chegou.

- Como é que o senhor sabe? Estranhei.

*- Ora! Muito fácil: tinha ouvido a corneta. Como o toque me passara despercebido, imaginei-o a divagar”*⁸. Desse modo, a memória, ou as memórias dialogam intensamente com a aprendizagem do escritor. Para ele, a aprendizagem é

⁵ Op. Cit. p. 15

⁶ Idem

⁷ Idem, p. 52

⁸ Op. Cit. p. 53

individual, seu ritmo não é algo uniforme. O capitão Mota já conhecia o mundo da prisão e dos quartéis. Isso não acontecia com o autor. Pelo menos, não inicialmente. O mesmo leva certo tempo para apreender novos hábitos, perceber o tempo. É um mundo estranho. Enfim, é preciso viver o cárcere, e isso ocorre com o passar dos dias. É com o passar do tempo, que Graciliano Ramos vai se acostumando, vai aprendendo a decifrar os sinais, os signos daquele ambiente. Ou seja, constrói uma outra memória.

No entanto, essa construção de uma memória, essa aprendizagem é algo que se apresenta em Graciliano Ramos como algo fundamental e complexo para entendermos sua obra. Já afirmamos que memória e experiência estão intimamente ligados, pois o trabalho da memória vincula-se a maneira como o autor lê o mundo, como pinta seus personagens. Ou seja, Graciliano descreve seus personagens num único plano. Cristaliza uma memória/experiência desses personagens. Ele não procura conhecê-los em sua diversidade, em sua complexidade, inerente à condição humana. Em Graciliano, a memória não opera grandes movimentos em relação aos seus personagens e ao mundo do cárcere. Nesse sentido, o autor tem uma enorme dificuldade em aprender os signos, os sinais, e os personagens que circulam cotidianamente no cárcere. Em Graciliano, o estranhamento em relação a prisão e seus habitantes é algo quase que permanente. Sua memória não escapa a sua experiência sobre o mundo. De um mundo que não é, em grande medida, resignificado.

Graciliano Ramos nos leva a pensar na memória como um constante trabalho de elaboração. Assim, as lembranças de um lugar, de um objeto, de uma pessoa, leva o escritor a projetar novas memórias, outros lugares, outros tempos. Ao narrar a sua volta da Colônia Correccional, passa pelo Campo de Santana, “*lembrei-me de haver estado ali vinte anos antes, em companhia de uma sirigaita*”⁹. Nesse sentido, é possível, pensar como o passado salta ao presente em sua narrativa, se atualizava, na medida que o escritor reconhecia o Campo de Santana. Esse caráter da memória como experiência, de uma memória que é esquecimento, também é ressaltada nas explicações finais, quando Ricardo Ramos nos lembra do esforço do seu pai no momento da escrita. “*Antes que pedíssemos novos esclarecimentos, mencionava a revisão necessária. Vários anos a escrever e nesse período fatos que se modificaram, figuras apagadas vindo em primeiro plano, outras a se afastarem, transformando-se*”¹⁰.

⁹ Idem, p. 534

¹⁰ Op. Cit. p. 678

Por fim, é possível perceber, como em diversos momentos da sua narrativa, Graciliano Ramos se vale de um recurso intrigante e estigante. Uma espécie de memória nebulosa, uma memória vacilante. Ou seja, uma memória e uma escrita que não totaliza. Como exemplo, podemos citar a seguinte passagem: “*trouxeram cadeiras, julgo que era de vime. Talvez fosse de vime, não sei bem*”¹¹. Aqui podemos afirmar, que o escritor pensa a memória como um campo aberto, individual. Mas nada proíbe de ser também a memórias de inúmeros brasileiros presos naquele período.

¹¹ Idem, p. 400